



LEITURAS DE JOVENS LEITORES: EXPERIÊNCIAS E SUBJETIVIDADES

READING OF YOUNG READERS: EXPERIENCES AND SUBJECTIVES

NOGUEIRA, Rosangela Queiroz Garcia Leite¹
COENGA, Rosemar Eurico²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre as leituras de jovens leitores na contemporaneidade. Para isso, foram selecionados dois alunos, sendo um do ensino fundamental e outra do ensino médio, ambos estudantes da rede pública, a partir de dados coletados sobre suas escolhas literárias. Procuramos mapear nos depoimentos dos participantes da pesquisa modos de incentivo à leitura literária e identificar critérios que balizam suas escolhas/trajetórias de leitura, bem como os motivos de interesse e desinteresse pelas obras selecionadas. Além disso, buscamos identificar as preferências literárias dos jovens leitores em relação a gêneros, temáticas, livros, autores e personagens, destacando as escolhas subjetivas. O artigo contempla a abordagem qualitativa, utilizando as técnicas de entrevistas semiestruturadas, e se utiliza de apontamentos dos estudiosos do conhecimento da leitura e/ou letramento para fundamentar a reflexão.

Palavras-chave: Práticas letradas; jovens leitores; leitura.

Abstract: The present article aims to present reflections on the readings of young readers in contemporary times. For this, two students, one from elementary school and another from high school, were selected, both students from the public education, based on data collected on their literary choices. We seek to map the participants' testimony of the research ways of encouraging literary reading and identify criteria that guide their reading choices and trajectories, as well as the reasons for interest and lack of interest in the selected works. In addition, we sought to identify the literary teenagers' preferences of young readers in relation to genres, themes, books, authors and characters, highlighting the subjective choices. The article considers the qualitative approach, using semi-structured interview techniques, and uses the students' notes of reading and/or literacy knowledge to support the reflection.

Keywords: literate practices; young readers; reading.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre as escolhas subjetivas de leituras de dois estudantes da rede pública, de ensino fundamental e médio, na

¹ Docente da Secretaria de Estado de Educação de Esporte e Lazer (SEDUC-MT), Mestranda do Programa de Pós-Graduação - *Stricto Sensu* em Ensino pela Universidade de Cuiabá e Instituto Federal de Mato Grosso (UNIC/IFMT). Linha de pesquisa: Linguagem e seus Códigos. rosangela@castronogueira.adv.br

² Docente da Secretaria de Estado de Educação de Esporte e Lazer (SEDUC-MT), Doutor em Teoria Literária e Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente do Programa de Pós-Graduação - *Stricto Sensu* em Ensino pela Universidade de Cuiabá e Instituto Federal de Mato Grosso (UNIC/IFMT). Linha de pesquisa: Linguagem e seus Códigos. rcoenga@gmail.com



perspectiva psicossocial, por ser a leitura considerada uma atividade cognitiva, cultural, correlacionada à vida social.

Ademais, a leitura é uma atividade necessária para a formação cognitiva e acadêmica, além de ser considerada um direito fundamental para a formação, desenvolvimento e exercício da cidadania, mas, fundamentalmente, para o projeto existencial do indivíduo, por estar intrinsecamente ligada ao caráter social, cultural, histórico e político. Vimos que esses elementos estão relacionados à concepção de letramento, vez que Soares o conceitua como: (...) “o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação – os eventos de letramento” (SOARES, 2002, p. 145).

É sabido que boa parte das crianças, jovens e adolescentes de hoje não lê textos literários com grande frequência, sendo comum a preocupação por parte da escola, pais e professores em relação à rejeição, gosto e hábito pela leitura dos adolescentes, os quais, muitas vezes, leem somente quando cobrados pela escola ou pelos pais. No entanto, no decorrer da pesquisa, pudemos atestar que há adolescentes e jovens que são verdadeiramente apaixonados pelo ato de ler, fazendo-o, até, com frequência.

Os jovens leitores entrevistados são de famílias de classe média, cujos pais têm formação acadêmica e são os provedores dos livros escolhidos por eles, cuidando-se que, em suas casas, sempre convivam com acesso aos livros. O leitor pesquisado “A” tem 13 anos, cursa o 7º ano em uma escola pública municipal, mora com seus pais e sua irmã de 23 anos, já com formação universitária. Já a leitora pesquisada “B”, tem 17 anos, estuda o 3º ano do ensino médio, mora com seus pais e sua irmã de 19 anos, também estudante.

Práticas letradas e o leitor

Os estudos sobre as práticas letradas e o leitor e suas implicações na vida das pessoas têm sido recorrentes nos últimos tempos, sendo objeto de interesse de vários estudiosos das diversas áreas do conhecimento, que “buscam por meio de metodologias e instrumentos de análise compreender as múltiplas facetas das práticas letradas e o leitor (STREET, 2014, p. 7).



Diante de uma nova realidade social, a alfabetização já não responde às novas exigências sociais, revelando-se insuficiente para com as novas demandas contemporâneas, necessitando-se, assim, desenvolver novas habilidades de uso social da leitura e da escrita, oportunizando práticas reais e não apenas escolares de leitura, resultando assim na ampliação do termo leitura, em que novas maneiras e formas de ler fazem parte desse universo discursivo.

Ao discutir História de Leitura, tomamos como referência os estudos de Roger Chartier (1992; 1996; 1997; 1998; 1999; 2001; 2002; 2003). Suas buscas concentram-se no esforço de reconstituir, nas suas distâncias e proximidades, as diferentes maneiras de praticar a leitura, cujos modelos e modos variam de acordo com os tempos, os lugares e as comunidades. Nota-se que este esforço parte de uma percepção da leitura como prática cultural, o que lhe obriga a opor-se às classificações rígidas e simplistas que restringem a realidade da leitura a duas categorias: leitores e não leitores ou alfabetizados e analfabetos. Nos seus estudos, é possível identificar a pluralidade de práticas leitoras e essas categorias, por serem construções sociais e discutíveis.

Segundo Cavallo e Chartier (1998), “uma história sólida das leituras e dos leitores deve, portanto, ser a da historicidade dos modos de utilização, de compreensão e de apropriação dos textos” (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 7). Dessa maneira, para entendermos certas práticas atuais de leitura é preciso conhecer a história das leituras e dos leitores, os modos de utilização do escrito, de compreensão e de apropriação dos textos.

Para Roger Chartier e Pierre Bourdieu (1996), a leitura deve ser entendida como uma prática cultural, portanto plural, embora nem sempre essa pluralidade da leitura seja considerada pela sociedade. Ainda segundo Chartier (1992), “ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros” (CHARTIER, 1992, p. 214). Há que se considerar ainda a perspectiva filosófica, como a de Paul Ricoeur, citado por Chartier (1992), em que se analisa como as configurações narrativas formadoras das histórias – sejam elas ficcionais ou não – remodelam a consciência privada dos indivíduos e sua experiência temporal. Chartier afirma que, nesse sentido, o ato de ler estaria situado no ponto de aplicação no qual o universo do texto encontra-se com o do leitor, e a interpretação da obra termina na interpretação do eu. Citando Ricoeur, Chartier (1992) reitera que “ler é entendido como uma “apropriação” do texto, tanto por concretizar o potencial semântico do mesmo quanto por



criar uma mediação para o conhecimento do eu através do texto” (CHARTIER, 1992, p. 215).

A leitura é uma prática cultural e, segundo Chartier (1996), seu exemplo é adequado quando se pensa em debater a compreensão possível das práticas culturais, pois sob o terreno da leitura encontram-se colados, “como num microcosmo, os problemas passíveis de ser reencontrados em outros campos e com outras práticas” (CHARTIER, 1996, p. 231). Bourdieu (1996), em debate com Chartier, salienta que a palavra leitura pode ser substituída por uma série de palavras que designam toda espécie de consumo cultural e que, entendendo-a assim, é preciso perceber que esse consumo cultural é apenas um entre outros e tem suas particularidades. Para o autor, ao se abordar uma prática cultural, a exemplo da leitura, é mister que nos interroguemos como praticantes dessa prática.

Bourdieu afirma que, embora a leitura obedeça às mesmas leis que as outras práticas culturais, é mais diretamente ensinada pelo sistema escolar, por isso o nível de instrução constitui-se em um instrumento poderoso no sistema de fatores explicativos para a análise dos indicadores das maneiras de ler. O sociólogo relaciona ainda a origem social como o segundo fator importante, entretanto considera o primeiro de maior peso.

Como bem observa Chartier (1999, p. 77), “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler”.

Neste ínterim, nasce o termo letramento, o qual compreende que as diversas práticas de leitura e escrita se correlacionam aos contextos sociais dos indivíduos, os quais contribuirão para um processo de construção de novos significados e de sentidos. Para uma melhor compreensão nos atemos ao conceito de letramento apontado por Soares:

Indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm habilidades e atitudes necessárias para uma participação viva e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição em uma sociedade letrada. (SOARES, 2002, p. 146)

Professores e mediadores que lidam com a leitura, todavia, especialmente para os professores da língua portuguesa e literatura, sabem de casos em que os alunos, ao



tomarem conhecimento das versões disponíveis no universo tecnológico, baseadas em obras literárias, creem que o ato de assistir a um filme ou ler resenhas e resumos disponíveis na internet substitui a leitura do livro, além de obter informações para realizar trabalhos sugeridos pela escola em relação ao livro sugerido por ela.

Contudo, a sedução pelos livros ainda se sobrepõe a essas novidades tecnológicas, podendo encantar os leitores, a exemplo do conto *Um General na Biblioteca de Calvino*, (2001, p. 74-79), cuja narrativa ilustra que o general Fedina e seus comandantes, incumbidos de confiscar todos os livros que manchavam a imagem dos militares, ao conhecer-lhes os conteúdos e os personagens do conto, renderam-se ao poder dos livros, tornando-se, assim, homens autônomos e emancipados, liberados do jugo da submissão e preconceitos, certamente seduzidos pelo gosto da leitura.

De igual modo, vimos também a paixão de um menino pelos livros, o que nos fez lembrar o poema *Biblioteca Verde*, de Carlos Drummond de Andrade, em que o autor nos possibilita um mergulho literário no mundo das palavras. Trata de uma coleção de livros que reunia grande quantidade de obras célebres e vinha encadernada em 24 volumes, totalizando 12.224 páginas, e, no poema, um menino, insistentemente, pede ao pai livros de presente. A propósito, Carlos Drummond de Andrade, aos 10 anos, ganhou de seu pai uma *Biblioteca Verde*. Triste, portanto, a realidade atual, em que ‘os meninos’, ao invés de livros, pedem aos pais computadores, smartphones, tablets, games e outros equipamentos eletrônicos.

Em que pese o discurso atual, de que os jovens leem somente para cumprir tarefas escolares, ou seja, por obrigação, e que, para eles, a leitura é algo entediante, não se pode dizer que, em sua maioria, esses não gostam de ler, já que, como se sabe, muitos encontram prazer na leitura, seja através de livros impressos, seja por meio da tecnologia, mídia, internet, dentre outros meios culturais.

Conforme os dados revelados pela 4ª Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

O número de leitores no Brasil cresceu, ainda que timidamente. A pesquisa indica que o brasileiro lê apenas 4,96 livros por ano – desses, 0,94 são indicados pela escola e 2,88 lidos por vontade própria, visto que, do total de livros lidos, 2,43 foram concluídos e 2,53 lidos parcialmente. A média anterior era de 4 livros por ano. No entanto, para a pesquisa, considera-se o leitor quem leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. Já o não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.



No entanto, para Petit (2010, p. 286), “ninguém deveria ser obrigado a gostar de ler, e que cada um seja livre e bem entendido para fazer escolhas pessoais à leitura e à escrita, vez que estamos no campo dos lazeres socialmente construídos”. Contudo, cada um deveria poder ter a experiência de que a apropriação da cultura escrita é desejável, e que ela é possível (PETIT, p. 286).

Ainda assim, relata Petit (2009, p. 154) que a aproximação dos livros, bibliotecas, conhecimento, por si só, não seria suficiente para influenciar o gosto pela leitura, e que podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida, visto que a aventura na cultura letrada deve ocorrer com uma certa firmeza e segurança. Ou seja, caso o sujeito não a tenha, faz-se necessária e essencial a interferência de um mediador (professores, bibliotecários e educadores de um modo geral). No entanto, a autora aborda que não é a escola que desperta o gosto pela leitura, mas, sim, as práticas leitoras de um professor levado por sua paixão leitora, afirmando, ainda, ser a literatura “uma arte que se transmite mais do que se ensina”, através de uma relação individual.

Análise das entrevistas

Como primeiro passo na construção do presente trabalho de pesquisa, estabelecemos o contato inicial com os adolescentes, apresentando-lhes o roteiro da entrevista, com suas respectivas perguntas e, a seguir, listamos os títulos e autores das obras lidas citadas pelos jovens leitores na entrevista, conforme a ordem de suas falas, o que favoreceu a análise.

Há que se ressaltar que ambos os jovens leitores se mostraram satisfatoriamente receptivos desde o primeiro contato, demonstrando paixão e apego à leitura, tornando o trabalho de pesquisa agradável e não menos proveitoso.

O leitor A apontou algumas das obras lidas, sendo elas: *Jeffi Kinney - Coleção Diário de Um Banana - Rodrick É o Cara; A Gota d'Água; Dias de Cão; A Verdade Nua e Crua; Casa dos Horrores; Segurando Vela; Maré de Azar; Caíndo na Estrada; Bons Tempos. J.K. Rowling - Harry Potter: A Pedra Filosofal; Câmara Secreta; Prisioneiro de Azkaban; Cálice de Fogo; Ordem da Fênix; Enigma do Príncipe; Relíquias da Morte. - Rick Riordan – série Percy Jackson - Ladrão de Raios; Mar de Monstros; Maldição de Titã;*



C.S. Lewis As Crônicas de Nárnia (lendo); Veronica Roth – Divergentes (leitura incompleta); Antoine de Saint-Exupéry – O Pequeno Príncipe (leitura incompleta); e outras histórias em quadrinhos das quais não citou os autores.

Por sua vez, a leitora B menciona algumas obras lidas, entre as quais: *C.S. Lewis - As Crônicas de Nárnia; Veronica Roth – Divergente; Gaye Forman - Apenas um Dia; Apenas um Ano; Se Eu Ficar; Stephen Chbosky - As Vantagens de Ser Invisível; John Green - A Culpa é das Estrelas; O Theorema Katherine; Quem É Você Alasca; Ramsom Riggs - Orfanato da Sta. Peregrine para Crianças Peculiares; Richelle Mead - Academia de Vampiros (leitura de 1 volume); Jay Asher - os Treze Porquês, dentre outros.*

A partir dessa informação sobre os acervos citados, percebe-se que grande parcela das obras lidas pelos jovens leitores pertence à chamada literatura de massa, gênero este que certamente constitui o marco inicial para o mergulho do adolescente no fantástico universo da leitura.

A partir dos relatos dos jovens leitores entrevistados, podemos perceber que suas práticas letradas estão presentes nos *best-sellers*, em geral estrangeiros, com grandes sucessos de vendas, os quais dificilmente são discutidos nas escolas, pois são desconsiderados pela maioria dos professores.

Dentre os muitos estudos encontrados nessa seara, sobressai a pesquisa feita em 2008 pela professora Tânia Pellegrini (2010) cujo resultado enumerou vários aspectos relacionados à literatura e ao leitor, destacando, em um deles, a influência que o leitor sofre por parte da mídia e do próprio mercado literário. Isso, segundo a autora, acaba de alguma forma transformando a produção e a divulgação da obra literária em simples mercadoria.

Segundo Pellegrini (2010, p. 57), “a troca gradativa do estatuto do texto literário trouxe como consequência a redefinição das relações entre a literatura, o leitor, o autor e a crítica e que a história da literatura no Brasil, nas três últimas décadas, está marcada pelo mercado editorial”.

Os livros citados pelos jovens leitores entrevistados são considerados “literatura de massa”, ou produtos da indústria cultural, que não gozam de prestígio da cultura letrada, vista como cultura socialmente consagrada. Observa-se que as práticas de leitura apresentadas pelos jovens leitores evidenciam aspectos subjetivos e individuais em relação às escolhas de textos literários, distante dos gostos de leitura de textos tradicionais, ou seja, dos cânones da literatura enfatizados e orientados pelos discursos normativos e



pedagógicos, como os clássicos literários que se mantêm por tempo indeterminado na história da humanidade, passando de geração a geração.

As obras lidas pelos jovens leitores evidenciam histórias intrigantes que prendem a atenção, que entretêm, que envolvem o leitor, aguçando nele (ou nela) a curiosidade, cujos gêneros textuais são de aventura, ficção, romance e fantasia. Para o leitor A, ler é como *“ir para outro mundo, o livro é mais que um filme, o livro é uma coisa que te prende muito, é mais legal e você aprende muitas coisas”*, no entanto para a leitora B,

“(...) é meio que... eu gosto de ver as coisas de pontos de vista diferentes, tipo, quando estou com problemas e brigo com alguém, eu não gosto de ver só o meu lado, eu não gosto de ver, tipo, como uma pessoa tá, porque a pessoa tá fazendo isso, o que tá acontecendo com a pessoa. E no livro você entra em outro ponto de vista, tipo, você geralmente, uma pessoa conta uma história daí você meio que entra dentro dessa pessoa, sente o que ela está sentindo, vê o que ela está vendo, não literalmente, eu acho isso legal, poder sair de si mesmo por um tempinho e entrar em outra pessoa”.

Percebe-se que as falas dos jovens leitores são construídas a partir de suas experiências reais com a leitura, levando-os a construir sentidos e significados formados a partir de suas subjetividades, em relação aos sentidos da leitura literária.

Nesse sentido, Pondé e Yunes *apud* Maia (2007, p. 101) explanam, pela análise de algumas obras literárias, que *“literatura é uma leitura da vida e que a fantasia, longe de alienar, ajuda a descobrir o real”*. Ademais, para Yunes (1995, p. 185), *“o ato de ler é um ato da sensibilidade da inteligência, da compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas”* [...]. Dentro desta ótica, Petit (2013, 146) acredita que a fantasia daqueles que tenham lido apresenta riquezas diferentes dos que nunca leram.

Diante dessas compreensões, entendemos que a leitura literária oportuniza aos leitores construir novas percepções e encontros por meio de distintas experiências entre a ficção e o mundo real, despertando a imaginação criadora e a fabulação, o que colabora para o fortalecimento individual, social e psicológico do leitor.

Importante também evidenciar que os jovens leitores entrevistados priorizam os livros físicos em detrimento dos filmes, embora assistam aos filmes. Ao serem questionados sobre os filmes dos livros lidos por eles, de forma categórica os jovens leitores relatam que: leitor A.: *“assisto de vez em quando, não gosto muito, muda muita coisa”*. Leitora, B.: *“Assisto, mas o livro é bem melhor, é muito raro o filme ser melhor, eu*



falei, né, que eu li o Orfanato das Crianças Peculiares, fui ver o filme, eles fizeram uma coisa horrível naquele filme, deu até agonia de assistir”.

Os jovens leitores utilizam-se dos recursos tecnológicos de comunicação (“novos letramentos”), os quais são utilizados como suportes para a realização de suas escolhas literárias. Contudo, essas escolhas são consideradas por Petrucci (1999, p. 222) como fruto de um caráter anárquico, cujo fundamento se dá na recusa dos cânones da literatura, e que esta prática de leitura movida pela liberdade foge dos controles externos, avaliada como forma de escolha “desordenada”, portanto, quase “aleatória”. Ainda, conforme Chartier (1999, p. 104), “são considerados não leitores, por mais que leiam, mas leem coisas diferentes daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima”.

Vimos que as práticas de leituras desses jovens leitores são motivadas pela ideia de liberdade que sempre esteve ligada à ideia do livre-arbítrio, ou seja, o poder de decidir suas próprias escolhas, característica própria de adolescentes, como aponta Calligaris (2000): “a adolescência é o ideal coletivo que espreita qualquer cultura que recusa a tradição e idealiza liberdade, independência, insubordinação etc.”.

Enfático, o leitor A. afirma que não se interessa pelos livros indicados pela escola, até porque, segundo afirmou, nada lhe é cobrado em sala de aula em relação à leitura recomendada. O adolescente faz, ainda, uma interessante crítica em relação aos critérios de organização do acervo da biblioteca, visto que, em sua opinião, a classificação dos livros está em desacordo com sua idade. O adolescente cita como exemplo o caso dos livros *Harry Potter*, cuja coleção completa já leu, e que na escola são recomendados apenas a partir do 9º ano.

Por sua vez, a leitora B cita apenas uma indicação e uma atividade relacionada à literatura na escola que a agradou: *As Vantagens de Ser Invisível*, indicada para o 9º ano. Ambos observaram, ainda, que os livros da biblioteca são malcuidados, ficando evidentes, durante a entrevista, o zelo e o cuidado especiais que têm com os seus livros particulares. Isso nos leva a considerar a constatação de Petit. (2009, p. 32) segundo a qual “é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem; e que o leitor não é uma página em branco, onde se imprime o texto: desliza a fantasia entre as linhas, a entremeia com o autor”.

Por conseguinte, ainda segundo Petit, a função dos mediadores culturais de livros consistiu em auxiliar os leitores na compreensão da leitura como instrumento de



organização e transformação da própria história. São os mediadores culturais que criam uma “abertura psíquica” (PETIT, 2010:50), e, diante disso, o leitor poderá revisar o seu ser, ampliando os caminhos para o seu desenvolvimento espiritual.

A importância do mediador no processo de construção da prática leitora desses jovens leitores restou claramente demonstrada na manifestação do leitor A, de que, ao adentrar o universo da leitura, viveu uma experiência frustrante em relação a algumas obras literárias, as quais considerou demasiadamente rígidas, chegando a correlacioná-las com os textos bíblicos, por seu rigor, densidade e português difícil para a sua faixa etária.

Diante da ausência de um mediador, o jovem leitor A valeu-se de outros caminhos, indo ao encontro de autores que pudessem satisfazer às suas expectativas, momento em que encontrou *J.K. Rowling*, de *Harry Potter*, fato esse que nomeou e destacou em suas falas a referida autora e suas obras, elogiando sua escrita e suas histórias, e menciona como livro marcante o primeiro livro da saga de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, visto que foi esse que abriu seu mundo para o universo da leitura. A leitora B também teve contato com o universo mágico criado por *J.K. Rowling* dizendo que ela é simplesmente maravilhosa, e ainda menciona em seu universo de preferências de leituras o autor *John Green*, porém, fora marcada pela trama *Os Treze Porquês*, obra que vem dividindo opiniões por causa de seus temas polêmicos, visto que sua abordagem gira em torno de uma adolescente que cometeu suicídio. Diz ainda a leitora B que conheceu a obra por meio de um vídeo no *Youtube*, no entanto, faz uma análise sobre o enredo da trama literária de forma madura. Vejamos o que ela nos diz:

“Faz pensar muito sobre as nossas atitudes. Uma coisa boba que pode significar muito na vida da outra pessoa, fala bem assim no livro, você não sabe o que está acontecendo com a vida do outro e que quando você faz alguma coisa com outra pessoa você não tem como afetar só uma parte da vida dela, afeta a vida inteira e a vida dela pode estar uma bagunça, e uma coisinha tipo um apelido que foi só brincadeira pra você pode ser que signifique muito para a outra pessoa, e fala sobre isso, eu acho legal”.

A partir da afirmação acima, conclui-se que a leitora B vive experiências significativas ao entrar em contato com temas considerados polêmicos na literatura *teen* de *Os Treze Porquês*, fazendo reflexões sobre as intenções e propósitos de nossas atitudes, chamando a atenção para o quanto nossas palavras e atitudes atribuídas ao outro podem ter consequências desastrosas e até mesmo sem volta, a exemplo dos apelidos (*bullying*) atribuídos de forma intencional e pejorativa, os quais visam humilhar e ofender a imagem

das pessoas, podendo, conseqüentemente, gerar doenças psicossomáticas, dentre outras conseqüências, como ocorreu com a personagem principal da obra citada pela adolescente.

Pudemos observar ainda, nos relatos dos jovens leitores, que suas famílias contribuíram e ainda contribuem significativamente para a sua formação leitora desde a mais tenra idade, visto que, em suas lembranças, segundo afirmaram, ficaram gravadas as vozes das mães lendo e lhes contando histórias, visto que o leitor A relata que a prática leitora de sua irmã foi fator preponderante para despertar o seu interesse pela literatura e ainda menciona que na infância sua mãe lhe contava histórias clássicas. A leitora B, por sua vez, cita a lembrança de seus primeiros livros de histórias. Outro fator importante que contribuiu para as práticas leitoras dos jovens leitores foi o fato de viverem em um ambiente em que os livros sempre estiveram presentes.

A família é a primeira instituição social em que uma pessoa estabelece contato em sua vida. É na família que, ainda criança, o indivíduo aprende a se comportar socialmente e recebe os primeiros apoios emocionais. As pesquisas têm mostrado que é nesse ambiente que as crianças aprendem os primeiros usos e significados da leitura e da escrita.

Bourdieu (1998) destaca o ambiente familiar como um dos primeiros influenciadores na construção do gosto pela leitura e escrita, visto que nele podem ser feitas leitura em voz alta, escrita de correspondências etc. Destaca ainda a transmissão do capital cultural que a família pode proporcionar, com visitas a museus, teatros, cinemas, bibliotecas etc.

Em sua pesquisa, Lahire (2004) apontou que o exemplo de pais leitores contribui para a formação de filhos leitores. Desde cedo, ao ver os pais lendo, as crianças aprenderiam a ter a leitura como uma prática cultural natural. Além disso, o autor se baseou em Wells (1985) e mostrou que as práticas de leitura realizadas com as crianças, como os momentos de ler histórias antes de dormir, influenciam no desempenho escolar:

[...] a leitura em voz alta de narrativas escritas, combinadas com a discussão dessas narrativas com a criança, está em correlação extrema com o “sucesso” escolar em leitura. Quando a criança conhece, ainda que oralmente, histórias escritas lidas por seus pais, ela capitaliza na relação afetiva com seus pais estruturas textuais que poderá reinvestir em suas leituras ou nos atos de escrita. (LAHIRE, 2004, p. 20)

Também consciente de que os pais são realmente os primeiros emissários da leitura e com base em vários estudos, Dixie Lee Spiegel (2001) esboça um perfil dos pais de leitores

bem-sucedidos, partindo dos componentes que existem no ambiente familiar: “os artefatos, os eventos e a natureza das interações pai-filho” (SPIEGEL, 2001, p. 94). Assim, segundo a autora, esses pais não só “tendem a fornecer artefatos de alfabetização, especialmente materiais em suas casas”, como também “leem para seus filhos frequentemente”, servem como modelos referentes de leitores e “realizam interações efetivas, (ajudando) os seus filhos a aprenderem como extrair significado do texto, como interagir com sucesso nas situações escolares” (SPIEGEL, 2001, p. 66-99).

O acesso ao livro ou a outros materiais de leitura, a partilha de leituras, a leitura em voz alta, o exemplo dos pais, as interações, a frequência de locais onde se podem encontrar livros, a organização de uma biblioteca familiar/pessoal, o conhecimento de títulos que se coadunem com as diferentes faixas etárias e interesses de leitura parecem-nos premissas básicas da mediação familiar. Dado que o bom leitor é moldado pelo seu ambiente, então julgamos pertinente lembrar a voz da experiência:

Ele continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência, estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar, acompanharem seus esforços, sem se contentar de esperar na virada, consentirem em perder noites, em lugar de procurar ganhar tempo, fizerem vibrar o presente, sem brandir a ameaça do futuro, se recusarem a transformar em obrigação aquilo que era prazer até que ele se faça um dever, fundindo esse dever na gratuidade de toda aprendizagem cultural, e fazendo com que encontrem eles mesmos o prazer nessa gratuidade. (PENNAC, 1993, p. 55)

Jean-Claude Pompougnac (1997), partindo da concepção das autobiografias como representações do ato de ler, analisa textos autobiográficos de autores nascidos no fim do século XIX ou começo do século XX e cujas histórias de leitura trazem aspectos *sui generis*. Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, iniciados na leitura no seio familiar, tinham à sua disposição uma imensa galeria de livros; François Mauriac apegava-se a livros herdados, mas em número limitado, devido à censura das mulheres católicas da família; Michel Ragon desenvolve o hábito de leitura bulímica, compartilhando com a mãe, mas depois segue uma trajetória de leitura independente; Cavanna inicia o pai, analfabeto, no mundo dos livros, lendo para ele. Em todos os casos, Pompougnac analisa a importância dos certificados das leituras no processo de constituição desses leitores que se tornaram escritores.



Vimos, nesse contexto, que os sujeitos leitores entrevistados tiveram exemplos e influências para a construção do gosto pela leitura por meio de seus familiares, e tal incentivo foi preponderante para a construção e formação leitora desses jovens. Contudo, notamos que a escola, como espaço legitimador para desenvolvimento da capacidade e competência leitora, comumente tende a permanecer inerte ou até mesmo com práticas pedagógicas literárias aquém das necessidades e expectativas dos jovens leitores.

Admitindo-se que mesmo vivendo em uma sociedade letrada a grande maioria dos estudantes não teve oportunidades com a literatura em seus primeiros anos de vida, no entanto, não há linearidade para adentrar o universo da leitura, visto que alguns se fazem leitores na infância e outros na vida adulta ou até mesmo na velhice, dessa forma, cabe à escola aproximar os estudantes do universo da leitura/literatura e ampliar seus repertórios literários na perspectiva subjetiva da leitura, visto que cada um tem sua história de vida, seu repertório de leitura, os quais vêm contribuindo para sua identidade literária.

Considerações finais

Tal reflexão evidenciou que não é verdadeiro o discurso que estamos acostumados a ouvir de que boa parte das crianças e adolescentes e jovens não gosta de ler, ou, quando o faz, é para cumprir uma obrigação educacional. Há, ainda, crianças e adolescentes e jovens encantados e apaixonados pelos livros, como no conto *Pequenos Gerais de Calvino*, bem como no poema *Biblioteca Verde*.

Nesse contexto, vimos que os interesses das práticas de leituras dos adolescentes/jovens leitores entrevistados são pelas obras pertencentes à chamada “literatura de massa”, ou seja, produtos que não gozam de prestígio na cultura letrada, e assim suas práticas de leitura por muitos são consideradas como práticas “fora de foco”, por não serem consideradas prioridade no universo da literatura educacional.

Todavia, podemos concluir que esses jovens leitores podem ser considerados leitores, vez que sua prática leitora ultrapassa a quantidade de livros lidos citados na recente pesquisa *Retratos do Brasil*, empenhados na leitura do mundo, competentes e críticos, com total domínio da leitura.

Ficou evidente que grande parte das escolas impõe determinadas regras de leitura e impede a circulação de obras culturais que permeiam o lado de fora do espaço escolar,



ou, quando o permitem, induzem regras que geralmente colaboram para a diminuição do desejo de ler dos alunos, transformando-os em sujeitos *quase* leitores.

De outro modo, restou demonstrada a preocupante ausência do mediador no processo de construção da prática leitora dos adolescentes, papel que, ao menos em relação aos leitores entrevistados, coube à família. Aliás, ficou evidenciado que a família contribuiu de maneira decisiva para a formação dos leitores, tarefa que, na verdade, ainda constitui um enorme desafio, assim como restou claro que muito ainda precisa ser feito no âmbito escolar para a formação dos leitores e que as bibliotecas necessitam ser repensadas em sua função de interagir com o ensino na escola.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; Gaskell, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*. NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e formação na educação escolar. *In*: Renata Junqueira de Souza. (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, v. 1, p. 187-204.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência: A adolescência como ideal cultural**. Cap. 4. São Paulo: Publifolha, 2000. <https://chasqueweb.ufrgs.br/~slomp/edu01011/calligaris-adolescencia-cap-4.pdf>.

CALVINO, Ítalo. **Um general na biblioteca**. *In*: CALVINO, Ítalo. Disponível <http://contosquevalemapena.com.br/2015/11/71-um-general-na-biblioteca-i-calvino.html>

CHARTIER, Roger. **Aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. Texto, impressão, leituras. *In*. HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.



_____. Roger; CAVALLO, Guglielmo (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. Trad. Fulvia Moreto. São Paulo: Ática, 1998. V. 1.

_____. (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. Trad. Fulvia Moreto. São Paulo: Ática, 1998. V. 2.

CORRÊA, Hércules Toledo. Adolescentes leitores: eles ainda existem. In: PAIVA, Aparecida et al (orgs.). **Leitura e Letramento: espaços, suportes e interfaces**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

INSTITUTO PRO-LIVRO, **Retratos da Leitura no Brasil - 2015 – 4ª ed.** Disponível em <prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48> Acesso em: 05/07/2017.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. Trad. Ramon Américo Vasques e Sônia Goldfeder. São Paulo: Ática, 2004.

MAGALHÃES, Soares. **Biblioteca Verde - Carlos Drummond de Andrade**. Disponível <http://www.cazadoresdebibliotecas.com/2012/04/biblioteca-verde-carlos-drummond-de.html>.

MAIA, Joseane. **Literatura e formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. **A arte de ler ou como resistir à diversidade**. Trad. Artur Bueno e Camila Boldrini Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2013.

POMPOUGNAC, Jean-Claude. Relatos de aprendizado. In: FRAISSE, Emmanuel. **Representações e imagens da leitura**. Trad. Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento digital**. Educação e Sociedade. Campinas, SP, v. 23, nº 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.



SOUZA, Renata. **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas: O Mediador em Formação.** (org). Renata Junqueira de Souza. Campinas, SP: Mercado de Letras 2009.

SPIEGEL, Dixie Lee. Um retrato dos pais de leitores bem-sucedidos. In. CRAMER, Eugene H. e CASTLE, Marrietta (orgs.). **Incentivando o amor pela leitura.** Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

STREET, Brian. **Letramentos Sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2014.

VASCONCELLOS, Fábio. **A influência dos pais no hábito de leitura dos filhos.** Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/na-base-dos-dados/post/influencia-dos-pais-no-habito-de-leitura-dos-filhos.html>.

VERSIANI, Zelia. Escolhas literárias e julgamento de valor por leitores jovens. In. PAIVA, Aparecida et al (orgs.). **Leitura e Letramento: espaços, suportes e interfaces.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

YUNES, Eliana. **Pelo Avesso: a leitura e o leitor.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e PROLER: Programa Nacional de Incentivo à Leitura. Letras, Curitiba, nº 44, p. 141-150. Editora da UFPR, 1995.

Artigo submetido em 2017-11-08 e publicado em 2018-05-21